

RAMOS, Jarbas Siqueira. **O corpo-encruzilhada como saber da experiência.** Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Professor, Dançarino, Ator, Produtor Cultural, Pesquisador das Culturas Brasileiras.

RESUMO: Ao longo dos últimos anos tenho desenvolvido uma série de trabalhos que versam sobre as dimensões epistemológicas e conceituais do corpo-encruzilhada, inclusive acerca de sua relação com a dimensão da Ecologia de Saberes, proposto por Boaventura de Sousa Santos, e com a Descolonialidade, como têm sido abordada e desenvolvida por estudiosos latino-americanos. Nessa direção, aponto quatro tipos de saberes recorrentes ao corpo-encruzilhada: saber da experiência, saber sensível, saber incorporado e saber da ancestralidade. Esse texto propõe um mergulho específico sobre o saber da experiência constituído no corpo-encruzilhada. Desse modo, busca apontar as dimensões do saber e da experiência do corpo na relação com as práticas rituais congadeiras em sua dimensão descolonial e suas possíveis interlocuções com as artes da cena.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo-encruzilhada, Saber da Experiência, Descolonialidade.

ABSTRACT: Over the last few years, I have developed a series of papers that deal with the epistemological and conceptual dimensions of the "body-crossroad", including its relationship with the dimension of the Ecology of Knowledge, proposed by Boaventura de Sousa Santos, and with Descolonialidade, as have been addressed and developed by Latin American scholars. In this direction, I point out four types of recurrent knowledges at the crossroads: knowledge of the experience; knowledge sensitive, knowledge embedded and knowledge of the ancestry. This text proposes a specific dip on the knowledge of the experience constituted in the "body-crossroad". In this way, it seeks to point out the dimensions the knowledge of the experience the body in its relationship with congado's ritual practices in the decolonial dimension and its possible interlocutions with the arts of the scene.

KEYWORDS: Body-Crossroad, Knowledge of the experience, Decoloniality.

## **INTRODUÇÃO**

A noção de corpo-encruzilhada tem sido desenvolvida por mim ao longo dos últimos anos como uma possibilidade de interlocução entre as práticas performativas dos rituais brasileiros (mais especificamente aqueles vinculados às manifestações culturais afro-brasileiras e ameríndias) e as formas de expressão das artes cênicas em campo expandido (dança, teatro, performance). Nesse ínterim, tenho proposto pensar o corpo-encruzilhada como uma metáfora capaz de gerar desvios (conceituais e práticos) que possibilitam perceber o entre-lugar criado pelos atravessamentos/entrecruzamentos entre os diferentes modos de produção das corporalidades a partir das relações entre ritual e cena, contribuindo para a

construção de novas estruturas de reflexão e para o acesso ao processo de descolonização do corpo<sup>1</sup>.

Ao propor o desenvolvimento da noção de corpo-encruzilhada percebi a necessidade de estabelecer novos parâmetros epistemológicos que pudessem orientar essa produção. Nessa perspectiva, escolhi três caminhos que, de modo interdisciplinar, orientaram as minhas reflexões em termos metodológicos e epistemológicos, sendo eles: as Epistemologias do Sul, como postulado por Boaventura de Sousa Santos (2005; 2010); os Estudos Pós-Coloniais, especialmente aqueles desenvolvidos por pensadores latino-americanos como Aníbal Quijano (2009), Walter D. Mignolo (2014) e Catherine Walsh (2008); e a Filosofia Africana e Diaspórica, como podem ser observadas no trabalho de autores como Eduardo Oliveira (2007) e Amadou Hampatê Bá (2010).

Nesse texto busco apresentar a interlocução entre as noções de corpo-encruzilhada e as Epistemologias do Sul, tendo como ponto nodal dessa discussão as proposições em torno da Ecologia de Saberes (SANTOS, 2005). A intenção é estabelecer articulações para apresentar as forma como vejo a ideia de corpo-encruzilhada contribuindo para se pensar as práticas epistemológicas presentes na interseção corpo-ritual-cena. Assim, procuro desenvolver um discurso que se aproxime da realidade dos sujeitos que foram historicamente excluídos e silenciados ao longo da história mundial, trazendo à tona modos de pensar-fazer-saber que se orientam por parâmetros articulados às práticas culturais e artísticas brasileiras.

Para melhor compreensão desse processo de interlocução proponho dividir essa reflexão em três partes: a primeira tem a intenção de apresentar a ideia de epistemologias do Sul e de ecologia de saberes como postulado por Boaventura de Sousa Santos (2010; 2005) e os seus interlocutores; a segunda parte traz uma reflexão sobre as aproximações entre a ideia de corpo-encruzilhada e a ecologia de saberes; a terceira parte apresenta a discussão que tenho desenvolvido em torno da compreensão do corpo-encruzilhada como um saber da experiência, o que vincula o pensamento epistemológico sobre essa noção às epistemologias do Sul.

O que se segue são provocações para pensarmos como esses novos discursos orientam novas maneiras de produção de conhecimentos, pautados pelo respeito à diversidade, pelo reconhecimento da multiplicidade de saberes-fazer e

---

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre o tema ver: RAMOS, Jarbas Siqueira. **Notas sobre o corpo-encruzilhada: entre o ritual e a cena.** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017. (Tese de doutorado).

pela incessante necessidade de revisão dos parâmetros epistemológicos que orientam as nossas reflexões sobre as realidades dos sujeitos subalternos, especialmente no contexto da pós-modernidade.

## **REFLEXÕES SOBRE AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: CAMINHOS PARA UMA ECOLOGIA DE SABERES**

A concepção da ideia de Epistemologias do Sul refere-se à compreensão de que a produção do conhecimento e sua validação estão associadas às condições de sua produção, e nisso conta-se também os meios políticos, econômicos e sociais próprios de cada realidade cultural e, nesse sentido, é possível atentar-se ao fato de que qualquer forma de reflexão norteadas por uma soberania epistêmica é paradoxal à sua própria formulação. Se o conhecimento válido se dá no interior da experiência social e cultural, diferentes tipos de relações sociais podem gerar diferentes tipos de conhecimento e, conseqüentemente, diferentes tipos de epistemologias.

Nessa perspectiva, o entendimento de que cada novo conhecimento gera, em si, a possibilidade de novas epistemologias é o desafio paradoxal da pós-modernidade. Ao problematizar a epistemologia moderna, Boaventura de Sousa Santos (2005; 2010), na elaboração conceitual da ideia de Epistemologias do Sul, afirma que:

[...] a crítica deste regime epistemológico é hoje possível devido a um conjunto de circunstâncias que, paradoxalmente, permitem identificar, melhor que nunca, a possibilidade e até a urgência de alternativas epistemológicas, e, ao mesmo tempo, revelam a gigantesca dimensão dos obstáculos políticos e culturais que impedem a sua concretização (SANTOS, 2010, p. 17).

Santos (2010) se refere, dessa maneira, a um *pragmatismo epistemológico* que tem influenciado diferentes correntes de críticas à epistemologia, instaurando o que João Arriscado Nunes (2010) afirma ser um ambiente intelectual pós-epistemológico. Para Santos (2010), a proposta que gira em torno da formulação da ideia de Epistemologia do Sul tem como objetivo questionar a dominação epistemológica produzida pelos sistemas de colonização, contribuindo para uma descolonização do saber que pressupõe as diversidades de saberes e de epistemologias do mundo, o que inclui, depois de reconfiguradas, as experiências de conhecimento dos colonizadores (o Norte global).

O desejo pela descontinuidade radical com aquele projeto moderno da epistemologia que garantia direitos de validação de determinados conhecimentos em detrimento de outros, criando a separação entre os “de dentro” e os “de fora” da linha de divisão entre os saberes do Norte (oficiais) e os saberes do Sul (não-oficiais) é um dos pontos de partida do pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2010; 2005). O autor ainda postula que o Sul deve ser compreendido “metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (SANTOS, 2010, p. 19).

As epistemologias do Sul referem-se, desse modo, a um conjunto de intervenções epistemológicas que tem como prerrogativa a valorização da diversidade das epistemologias dos saberes que resistem aos processos de dominação e supressão dos “detentores do poder”, criando condições para a existência de um diálogo horizontal entre os diversos conhecimentos do mundo, superando a lógica da monocultura do saber e do rigor científico e assumindo a existência de uma “ecologia de saberes”.

A ecologia é vista por ele como uma prática de articulação da diversidade, que se dá por meio da promoção de interações sustentáveis entre entidades e saberes heterogêneos. Nessa direção, ele reconhece que o primeiro movimento para a construção da ecologia de saberes se dá na identificação e reconhecimento de outros saberes e ignorâncias, assim como de outros critérios de rigor, que sejam possam tornar-se parâmetros de qualidade e validade em seus contextos sociais. Desse modo, a ecologia de saberes reconhece a diversidade de conhecimentos existentes no mundo e entende que eles consistem em interconhecimentos, ou seja, a ecologia de saberes tem como objetivo aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios, pois não se compreende um saber sozinho sem se referir aos outros saberes. Ela é, assim, uma espécie de contra-epistemologia, que nega a existência de uma epistemologia geral e se baseia no reconhecimento da pluralidade de saberes.

Tenho acreditado que a metáfora Corpo-Encruzilhada refere-se à elaboração de um discurso integrado às experiências efetivas que tenho vivenciado na interface entre os rituais brasileiros e as artes da cena. Para tanto, acredito que a elaboração dessa noção metafórica necessita se estabelecer a partir de novos parâmetros epistemológicos, e que estes parâmetros estão diametralmente

alinhados à perspectiva das Epistemologias do Sul. Defendo, assim, que a validade epistemológica relacionada à noção de corpo-encruzilhada somente pode ser compreendida se for percebida uma multiplicidade de epistemologias que, colaborativamente, podem se associar na consolidação desta ideia. Trata-se tanto de admitir que a produção deste conhecimento acontece nos cruzamentos e fronteiras com outros conhecimentos e epistemologias, como de assegurar que seja impossível uma compreensão única sobre o assunto (ou apenas por um único prisma de conhecimento), sendo que podem existir inclusive diferentes posições no interior dessa proposta, bem como de reconhecer que não há pureza alguma no modo de lidar com a produção e reprodução do conhecimento.

Outro fator que tenho apontado como fundamental na construção dessa ideia é que tem se tornado perceptível a necessidade de superação dos “discursos oficiais” a fim de dar visibilidade aos discursos “não-oficiais” e, desse modo, estabelecer parâmetros epistemológicos específicos que possam validar estes novos discursos. Não se trata de assumir um discurso em detrimento do outro, mas de reconhecer que todo e qualquer discurso pode ser considerado relevante, válido e necessário à consolidação de uma nova ideia, de um novo saber.

As Epistemologias do Sul e a Ecologia de saberes apontam, portanto, para o necessário reconhecimento de que todo discurso se localiza numa relação de poder e a produção de novos discursos estará, assim, delimitada por essas fronteiras. No entanto, o que Boaventura de Sousa Santos (2010; 2005) aponta é que esses novos discursos devem, contudo, propor modos mais horizontalizados nas relações de produção de conhecimento a fim de reconhecer a importância de todos os discursos na consolidação dessa nova ordem.

Nessa direção, a produção e reconhecimento dos discursos subalternos podem garantir que esta perspectiva epistemológica que temos falado esteja atenta às múltiplas vozes, ainda que elas sejam ambíguas, dissonantes e contraditórias. Assim, posso afirmar que o diálogo é a chave para esse desenvolvimento epistemológico, especialmente por se tratar de um processo complexo de negociações políticas das relações de poder.

Dessa maneira, o que as Epistemologias do Sul propõem são estruturas para se consolidar novos parâmetros de produção de conhecimento, constituindo um

novo *pensamento alternativo de alternativas*<sup>2</sup>, tendo como ponto fundamental a construção de um novo sentido para a experiência investigativa. É nessa direção que as Ecologias de Saberes surgem como elemento fundamental para se pensar a lógica de produção do Corpo-Encruzilhada.

## **O CORPO-ENCRUZILHADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ECOLOGIA DE SABERES**

Como já comentado, Boaventura de Sousa Santos (2005; 2010) propõe em seus estudos sobre as Epistemologias do Sul a emergente necessidade de superação da lógica da monocultura do saber e do rigor científico sugerindo, para tanto, a necessária compreensão e adoção de novas propostas epistemológicas que possam considerar e assumir a pluralidade de conhecimentos e ignorâncias, assim como de parâmetros para sua validação, em seu escopo. A isso, o autor tem chamado de “ecologia de saberes”.

Para ele, a ecologia é uma prática de articulação da diversidade, que se dá por meio da promoção de interações sustentáveis entre entidades e saberes heterogêneos. O ponto de partida para essa compreensão está na identificação e reconhecimento de que existe no mundo uma quantidade de saberes e ignorâncias que possuem suas próprias regras e critérios de rigor, estabelecendo parâmetros que garantem a credibilidade necessária para sua existência e permanência em seu contexto social.

A ecologia de saberes reconhece que há uma diversidade de conhecimentos pelo mundo afora e que os mesmos constituem um interconhecimento capaz de agregar os novos saberes aos saberes já preconizados, constituindo uma prática dialógica que entende a necessidade da alteridade na consolidação desses novos saberes, tornando-se uma espécie de contra-epistemologia a favor da pluralidade de saberes.

Para elaboração do pensamento sobre a ecologia de saberes, Santos (2005) aponta três ideias principais: 1) não há ignorância em geral e nem conhecimento em geral, uma vez que toda ignorância somente o é a partir de uma perspectiva específica, assim como todo conhecimento é, em si, a superação de

---

<sup>2</sup> Ver maiores referências em: SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

uma ignorância particular; 2) a credibilidade de um conhecimento é sempre contextual, e por assim ser é condição suficiente para que qualquer conhecimento possa ter legitimidade no debate com outros conhecimentos; 3) saberes não científicos são alternativas ao saber científico.

Essas ideias sustentam a proposição fundamental da ecologia de saberes: ser uma contraposição à credibilidade exclusiva das práticas de validade de conhecimentos hegemônicos. É nessa perspectiva que a ecologia de saberes se coloca como um procedimento para a descolonização epistemológica seja criando novas formas de relação com/entre o saber científico e os saberes não-científicos, seja possibilitando a discussão pragmática de critérios de validade alternativos, permitindo que todos os modos de produção de conhecimento e tipos de saberes possam ser reconhecidos pela ciência moderna em termos de sua validade e credibilidade.

Santos (2005) admite a ideia de que na ecologia de saberes processos e conteúdos não se distinguem, tanto por serem constituídos na relação com a vida (ordinária ou extemporânea), assim como por não estarem circunscritos a uma única condição de produção. A ecologia de saberes é uma construção democrática de conhecimentos, que garante a multiplicidade de pensamentos e a diversidade de proposições, o que exige certa paciência para a sua consolidação.

Corroboro com o pensamento acerca da ecologia de saberes como alternativa contra-hegemônica aos conhecimentos desenvolvidos pelos prismas dos colonizadores. Reconheço que os conhecimentos e experiências sociais devem ser compreendidas, cada um, conforme as particularidades apresentadas no discurso de cada realidade social. Assim, a pluralidade epistemológica se coloca como uma dimensão singular na produção de novos conhecimentos.

É nessa perspectiva que tenho assumido a ideia de que existe uma pluralidade de saberes que atravessam a ideia de corpo-encruzilhada. Esses múltiplos saberes, vinculados às práticas rituais (cotidianas ou extracotidianas) dos Ternos de Catopês de Bocaiúva, se sustentam como uma dimensão que colabora com a reflexão sobre ecologia de saberes por ser, notadamente, um saber do/no/pelo Sul.

Tenho apontado que o corpo-encruzilhada é uma noção conceitual atravessada por diversos saberes que se dão nos contextos de produção social, cultural e artística, o que provoca pensar que sua construção se dá pela interlocução

entre diversos saberes que emanam dessas realidades. Entendo que estes saberes se processam nos corpos dos sujeitos, sendo que eles são grafados histórico-cultural e ritualmente por meio dos processos de performatização dos pensares-saberes-fazer contidos nas cosmologias peculiares de cada grupo/comunidade/sociedade.

Dos diversos atravessamentos de pensares-saberes-fazer que constituem essa diversidade conceitual do corpo-encruzilhada e o circunscreve na ecologia de saberes, destaco aqui quatro, que têm sido constantemente percebidos por mim na relação com o processo de pesquisa na interface entre as práticas performativas do ritual (especialmente no que se refere ao Congado da cidade de Bocaiúva) e as artes da cena em campo expandido (dança, teatro, performance), sendo eles: 1) que se trata de um saber da experiência; 2) que se refere a um saber sensível; 3) que se processa com um saber incorporado; e 4) que se trata de um saber da ancestralidade.

Aqui busco apresentar a abordagem sobre a ideia do corpo-encruzilhada como um saber da experiência. Para tanto, lanço mão das discussões propostas por autores que tem pensado a ideia de experiência no campo da filosofia da experiência e no campo da filosofia africana, aproximando suas compreensões do universo das ecologias de saberes e apresentando a maneira como tenho percebido esse saber como uma alternativa epistemológica para se pensar a construção de conhecimentos em relação às práticas performativas na interface entre o ritual e a cena artística, tendo como elemento base dessa discussão a concepção da noção de corpo-encruzilhada.

## **O CORPO-ENCRUZILHADA COMO UM SABER DA EXPERIÊNCIA**

Tenho afirmado que o corpo-encruzilhada é um saber da experiência. Entendo a experiência, assim como Larrosa (2014), como algo que nos passa, que nos atravessa e que dá sentido ao que nos acontece e à nossa própria existência. Compreendo que a experiência é um atravessamento capaz de gerar um processo de significação singular, sendo que os sujeitos são resultados das experiências que vivem, seja de forma intencional ou não. Assim, o conhecimento de uma pessoa está relacionado com a quantidade e a qualidade das experiências que o atravessaram em sua vida.

O saber da experiência é um saber distinto do saber científico (aquele da ciência moderna) e do saber da informação (aquele ligado à comunicação de massa e vinculado ao sentido estritamente pragmático e instrumental). Sua compreensão demanda, dessa forma, um deslocamento do sujeito em direção a uma abertura de perspectiva que o torne capaz de problematizar a própria experiência em termos de sua exposição, receptividade, transformação e paixão. O sujeito da experiência funda para si uma ordem epistemológica que considera, como nos apresentou Armindo Bião (2007), parâmetros como o amor, o humor, a serenidade e a humildade como formas de um saber da prática, distinta daquela da técnica, da ciência e do trabalho determinadas pela perspectiva cartesiana baseada na ordenação, evidência, análise e generalização. Nessa direção, o postulado epistemológico da experiência está vinculado a um saber particular, intransferível, e não à sua capacidade de se tornar lei geral.

É nessa perspectiva que Larrosa (2014) tem apontado que o saber da experiência refere-se a uma ordem epistemológica e uma ordem ética exatamente porque ele se dá na relação intrínseca entre conhecimento e vida, sendo a experiência o elemento que media a relação entre esses dois pontos. Nessa direção, o saber da experiência é um saber vivo, que se processa na medida em que o sujeito vai criando interlocuções com o que lhe acontece ao longo de sua vida e, nessa relação, vai dando sentido tanto ao acontecer (processo) quanto ao acontecimento (conteúdo).

Esse saber está, assim, ligado à própria existência do sujeito, uma vez que sua constituição está ancorada no processo de estabelecimento dos sentidos ou sem-sentidos àquilo que lhe acontece. Larrosa (2014) sugere que esse saber se caracteriza por ser particular, subjetivo, singular, relativo, contingencial e finito, já que a experiência se constitui por essas mesmas características. É nessa perspectiva que ele faz o seguinte apontamento:

No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento. Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria

finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingencial, pessoal (LARROSA, 2014, p. 32).

Uma questão epistemológica importante de ser apresentada é que o saber da experiência refere-se a uma produção encarnada, como tem nos apontado autores da filosofia africana (como Hampatê Bá, 2010) ou que se colocam no lugar da diáspora (caso, por exemplo, de Eduardo Oliveira, 2007). Ao entender que a experiência é encarnada, ou incorporada, passamos a entender que ela se dá exclusivamente na relação do sujeito com a sua existência corporal. Desse modo, compreender que o saber da experiência se instala no sentido dado por cada sujeito àquilo que lhe passa e, por isso, é um saber pessoal, finito e intransferível. Trata-se de um saber singular de se relacionar com o mundo e suas cosmologias, pois ainda que dois ou mais sujeitos passem pelos mesmos acontecimentos é impossível que eles produzam a mesma experiência. Para Larrosa (2014, p. 33), “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Nessa perspectiva, o autor ainda sugere que a impossibilidade da vivência de uma experiência torna impossível a própria existência.

Ao colocar o corpo como centro de sua proposição, o saber da experiência produz uma lógica epistemológica que se coloca na contramão dos parâmetros hegemônicos, sendo uma referência na produção de práticas e teorias pautadas em referências contra-hegemônicas, como a diferença, a heterogeneidade, a pluralidade ou a pluriversalidade. É nessa direção que compreendo que o saber da experiência se coloca referencialmente na mesma direção daqueles propostos por Santos (2010), abrindo caminhos para a produção de conhecimentos que estejam estabelecidos no desconhecido, no novo e no imprevisível. Assim, entendo que ele possa ser visto como parte da ecologia de saberes e elemento fundamental para a produção das reflexões epistemológicas sobre o corpo-encruzilhada.

Entendo que o corpo-encruzilhada produz experiências singulares presentes nas relações dos sujeitos tanto nas práticas rituais como na cena artística. Ainda que repetida/revivida, as ações ritualizadas e encenadas se constituem sempre como uma nova experiência, como um saber restaurado, na perspectiva de Richard Schechner (2003), e como um acontecimento que se dá na relação concreta do corpo em ação, produzindo novas significações na medida em que se vive a própria experiência.

No corpo-encruzilhada, a produção desse saber está alicerçada por “uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (LARROSA, 2014, p.32) que se constituem por meio de uma relação sensível com a experiência de vida, seja ela coletiva ou individual. Cada novo atravessamento no corpo, cada nova experiência vivida ou revivida, produz um desvio e uma nova possibilidade de construção de sentidos ou sem-sentidos, que vão construindo, destruindo, reconstruindo, transformando e restaurando esses saberes e estabelecendo novos parâmetros epistemológicos.

Como saber da experiência, o corpo-encruzilhada se relaciona com a dimensão sensível do corpo, com a percepção. Seguindo por esse caminho, é possível compreender que o saber da experiência diz respeito a uma sabedoria detida pelo corpo nas diversas e variadas formas de relação com o vivido, sendo que elas são processadas tanto pela dimensão física quanto pela intelectual. Para Duarte Junior (2000), trata-se de um saber do organismo em sua totalidade, numa indissociável união entre corpo e mente. Isso ocorre porque o corpo é a fonte primeira das significações na relação que os sujeitos estabelecem com o mundo, prosseguindo da mesma maneira ao longo da existência. Duarte Junior (2000) sugere que a produção de sentidos e a sua interpretação resulta dessa relação corporal do sujeito com o seu mundo circundante, na medida em que ele atribui significação àquilo que observa e experimenta.

É importante compreender que a noção metafórica do corpo-encruzilhada depende da relação que os sujeitos estabelecem no contato com as suas experiências de vida. Sua apreensão depende, entretanto, de um desvio no modo de pensar-fazer dos sujeitos em relação àquilo que foi vivido, experienciado e incorporado como saber da experiência e, nessa direção, é necessário que haja a produção de novos parâmetros epistemológicos que possibilitem uma leitura mais sensível e corporalizada do saber que ali fora produzido. É nesse contexto que se estabelecem os alicerces que nos permitem compreender a relação intrínseca com as ecologias de saberes.

Entendo que o reconhecimento de que os saberes das experiências são fundamentais para que novas práticas epistemológicas surjam e, nessa direção, o que a noção de corpo-encruzilhada nos possibilita é apresentar a maneira pela qual ela se organiza em forma de discurso e de ação. Assim, é possível compreender que postulamos uma alternativa de alternativas para a consolidação de novas

práticas epistemológicas em torno de saberes que se encontram vinculados às práticas performativas na interface entre os rituais e a cena artística, corroborando para que o campo do conhecimento (assim como suscitou Boudieu, 2004) das artes cênicas possa tornar-se referência na dimensão do estudo das epistemologias na pós-modernidade.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** Trad. Denice Bárbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DUARTE Jr. João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível.** Curitiba/PR: Criar Editora, 2001.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África.** Brasília: Unesco, 2010.

LARROSA, Jorge. **Tremores: ensaios sobre experiência.** Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MIGNOLO, Walter (et. al.). **Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar em colectivo.** Neuquén: EDUCO – Universidad del Camahue, 2014.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: SANTOS, Boaventura Sousa (org.). **Epistemologias do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder e des/colonialidad del poder.** Conferência no XXVII Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia, realizada em 4 de Setembro de 2009.

SANTOS, Boaventura Sousa (org.). **Epistemologias do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **O fórum social mundial: manual de uso.** São Paulo: Cortez, 2005.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O Percevejo** – Revista de Teatro, Crítica e Estética da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2003, ano 11, nº. 12, p. 25-50.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el estado.** **Tabula Rasa.** Nº 9. Bogotá/Colômbia, dezembro 2008.